

JESUS FALA COM ISRAEL: UMA LEITURA JUDAICA DE PARÁBOLAS DE JESUS

José Benedito de Campos

Graduado em Letras e suas literaturas pela FAFI de Itajubá, Minas Gerais. Graduado em Teologia pela FACAPA (Faculdade Católica de Pouso Alegre). Cursos de Estudos Judaicos no Ratisbonne Centre.

HADDAD, Rabino Philippe. **JESUS FALA COM ISRAEL: uma leitura judaica de parábolas de Jesus**. São Paulo: CCEJ; Fons Sapientiae, 2015. 152 p., 160 x 230mm – ISBN 978-85-63042-21-7

Esta resenha se ocupa da segunda obra da “Coleção Judaísmo e Cristianismo” do Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCEJ), mantido pelos Religiosos de Nossa Senhora de Sion (NDS) de São Paulo-SP, publicada pelas Edições *Fons Sapientiae* da Distribuidora Loyola. A primeira se intitula “O Ciclo de Leituras da Torah na Sinagoga, de autoria de GROSS, Fernando. Trata-se de uma coleção que tem como principal objetivo “publicar textos originais e traduções, a fim de cultivar o conhecimento mútuo entre judeus e cristãos, valorizando-se o enraizamento judaico das Sagradas Escrituras e o diálogo entre eles, a partir de seu ‘patrimônio espiritual comum’” (p. 5).

É uma obra composta de apenas dois capítulos e prefaciada pelo Rabino Ruben Sternschein, da Congregação Israelita Paulista (CIP). Expressa, por fim Rabino Sternschein ao autor, Rabino Philippe Haddad e aos editores em português do Centro Cristão de Estudos Judaicos, a admiração pelos diálogos alcançados e a gratidão pelo presente que implica se sentir, após este livro, mais capacitado e motivado a viver uma vida de encontro verdadeiro que se enriquece e revela constantemente ‘com’ e ‘no outro’ (p. 15).

Em sua *Introdução* tece o Autor comentários sobre “*Jesus, filho do seu povo*”, pois “nesses três milênios passados tudo o que foi dito, contado, escrito, pintado, cantado, filmado sobre Jesus foi o de um judeu impregnado de Tradição de Israel”. Isto porque “a maior parte das obras, judaicas ou cristãs, que investigaram os Evangelhos na sua dimensão histórica, mostrou em que o gestual, as palavras, até os subentendidos de Jesus se inscrevem na coerência do judaísmo”. p. 19).

Enumera a seguir uma série de atos praticados por Jesus desde o seu nascimento até a sua morte, que comprovam ter Ele praticado a Tradição judaica (cof. p.19-20). “Sem dúvida, a

Torah corria em suas veias, no seu sangue, sobre os seus lábios. Jamais pensou Jesus em anular a Torah, reformá-la, substituí-la. Para Jesus, a reforma devia ser aquela do coração, não aquela da Lei (Mt 5,18). Ele queria modificar o homem no interior, ensinando-lhe o caráter ilusório dos bens materiais e da vaidade humana” (p. 21). Ademais, prossegue “Impregnado desta tradição de Israel, Jesus preconizou o *שידוש* - *hidush*, a “renovação do sentido”, fiel à Tradição de seus pais” (p. 22).

Afirma o Autor: “ser esta uma obra de amizade para com minhas irmãs e meus irmãos cristãos, obra benevolente com relação a Jesus. Não o Jesus teológico, não o Jesus origem da discórdia e frequentemente o pretexto do ódio” (p. 28). Ressalta que, “pessoalmente, se aterá antes ao que Jesus disse do que ao que se diz sobre ele; estará atento antes mais ao que Jesus fez do que ao que se fez dele” (p. 29).

Finalmente, espera que esta modesta obra possa enriquecer o cristão, assim como lhe permitiu a compreender melhor os Evangelhos, pois foi o espírito de um autêntico diálogo que o guiou (p. 31).

No capítulo primeiro, antes de discorrer e analisar cada uma das cinco parábolas no capítulo segundo, apresenta o Autor uma interessante e didática explanação, que introduz o leitor nos Estudos Judaicos. Seu objetivo é fazer com que ele compreenda melhor as parábolas de Jesus. Destarte, discorre o Autor com maestria, experiência de Rabino, em uma linguagem simples, direta, clara e ilustrada com muitas citações bíblicas e talmúdicas sempre acrescidas de seus ricos e interessantes comentários.

Ressalta ainda, com sua experiência pessoal, o estado atual das relações entre judeus e cristãos e a grande contribuição propiciada pelo Concílio Vaticano II para um diálogo regular e confiança entre os crentes que estão dispostos a compartilhar em uma escuta mútua e respeitar o que eles sugerem lendo e discutindo as fontes de seus vários textos da tradição judaico-cristã. Afirma também que este livro é fruto de vários anos de estudos conjuntos, debates e palestras públicas, de modom particular na sinagoga de Ulis (Essonne), onde ele é Rabino.

Apresenta ainda o Autor detalhes sobre as principais etapas da história do judaísmo e sua prática de interpretação de textos bíblicos, atribuindo grande importância à tradição oral e o debate (p. 41).

No Capítulo II, intitulado *As Parábolas de Jesus*, discorre o autor sobre cinco parábolas: 1) As Parábolas da Misericórdia de Lc 15,1-32 (A ovelha reencontrada, A dracma reencontrada

e O filho reencontrado pelo *pai pródigo de misericórdia*); 2) As duas casas de Mt 7,15-27; 3) O bom Samaritano de Lc 10,25-37; 4) O semeador de Mc 4,1-20; e 5) A figueira de Mc 13,28-33.

Ao analisar e comentar sobre cada uma dessas cinco parábolas do Evangelho, faz o Autor uso constante da Bíblia hebraica, cita abundantemente a literatura rabínica, tece comentários sobre os rituais litúrgicos, e mostra como a palavra original de Jesus deixa transparecer uma tradição viva assaz preocupada com a atualização e a renovação – עֲדֻכּוֹן – שִׁדּוּשׁ. Ademais, aborda o Autor sobre diversos temas, como a criação (referindo-se a Gn 1), a Torah, o tempo e o messianismo, o arrependimento, a sabedoria e a ética.

Ao situar essas três parábolas, afirma ser “a parábola do *filho pródigo* a mais conhecida e hodiernamente é denominada pelos homilistas de parábola do *pai pródigo de misericórdia*”. A seguir afirma que “ela se apresenta no início de um colar de três perolas, denominadas “parábolas da Misericórdia”, três parábolas, em 32 versículos, em que o numeral 32 corresponde à palavra hebraica לב (*leb*), *coração* e expressa uma temática que convoca o *coração* do leitor” (p. 49).

Discorre a seguir sobre *A conversão*, que “se trata do que a tradição denomina de תשובה - *teshuvah* do radical שׁוּב - *shuv*, ‘voltar’, termo que leva essencialmente a um retorno para Deus”. Elenca a seguir vários ensinamentos rabínicos sobre a conversão – *teshuvah* (p. 55). Para o Autor “a conversão seria entendida como um movimento de Deus para o homem (antropocentrismo) e não o homem para Deus (teocentrismo)”. Assim, as duas primeiras parábolas destacariam o primeiro movimento, a terceira o segundo, sem que, porém, o movimento de um não oculte o movimento do outro (p. 60)

Propõe o Autor em sua análise da parábola d’O filho pródigo um possível final para essa parábola: “O pai abre amplamente os seus braços e convida os seus dois filhos a se aproximarem. Os dois irmãos se olham. Seu olhar revela a suspeita. Eles quase se tornaram estranhos entre si. O pai lhes sorri. Este sorriso é oferecido como reconforto, faz com que todas as incertezas sejam eliminadas. Os dois irmãos esboçam timidamente um sorriso. Eles se encontram apertados contra o peito daquele que lhes havia dado a vida. Ambos ouvem este murmúrio: *Eu amo todos os dois*” (p. 75)

Na parábola das Duas casas, cita inicialmente Mt 7,15-27, que relata sobre os falsos profetas e os verdadeiros discípulos (p. 76).

Afirma a seguir o Autor que o Talmude Babilônico, *Berakot 47a*, ensina que estudo da Torah (tradição escrita) e da Mishná (tradição oral) sem a orientação dos mestres “deve ser

considerado como um ignorante”. Isto porque “O sábio ensina e comenta, mas ajuda também a agir conforme a palavra divina”. Jesus em seus ensinamentos destaca essa prática judaica de que “ouvir Suas palavras, mas não praticá-las é um a obra estéril, isso se assemelha a uma casa sem fundamentos, a uma casa sobre a areia. Mas praticá-las é voltar a plantar as fundações sólidas sobre uma rocha תצור – (*tsur*)– que redireciona sempre à firmeza, à permanência e então a Deus, pois o Eterno é o “rochedo da libertação (p. 93).

Na parábola do Bom Samaritano, apresenta o Autor sucinto conhecimento histórico sobre os Samaritanos e qual o seu relacionamento com os Judeus da época do segundo Templo. Discorre a seguir sobre Cohen e Levi, sobre as funções e a escolha desses dois personagens importantes na sociedade hebraica. Informa ainda o autor que “os deveres específicos do *Cohen* em relação a Levi, pois aos כהנים - *cohanim* cabia o dever de purificar os israelitas que se tornavam impuros segundo a legislação do Levíticos” (p. 102).

Destarte, ao findar sua análise sobre esta parábola mostra o Autor “que Jesus realiza uma verdadeira revolução de consciências, um despertar para responsabilidade. Com essa parábola Jesus inova – **חידוש** – *hidush*, pois a questão não é mais de saber “quem é meu próximo”, mas em saber “tu te consideras como próximo do outro?” e principalmente se este outro está sofrendo. Destarte, aprendemos através desta parábola que não podemos selecionar os nossos amigos, nossos próximos, mas procurarmos ser nós mesmos o ponto de partida da fraternidade e do amor” (p. 115).

Na parábola do Semeador, assinala o Autor, dentre outras coisas, que “Ao discípulo não basta receber passivamente o ensinamento, mas precisa trabalhar, segundo seu nível, à sua medida, a palavra do mestre. Cada homem digere o alimento que absorve, o mesmo ocorre para o espírito e o coração que devem acolher o ensinamento” (p. 117). De igual modo, afirma que “Jesus ensina à margem do lago de Genesaré em um barco a fim de convidar aqueles que o escutam a avançar nas águas da Torah, a não permanecer tímidos sobre a margem das dúvidas. Jesus quis, através desse deslocamento, obrigar o ouvinte a modificar o seu olhar sobre o mundo. Nossos espíritos se fecham sobre as nossas verdades ligadas à nossa educação, ao nosso espaço” (p. 120).

A seguir mostra que “Jesus oferece aos seus discípulos a chave da parábola: O que é semeado é a palavra, a palavra divina” (p. 124)

No que se refere à Estrutura da parábola do semeador, apresenta o autor um quadro esquemático dessa parábola e sua interpretação feita por Jesus através em quatro níveis (a

terra, a consequência e o sentido) em que os grãos são lançados: à beira do caminho, em terra pedregosa, entre espinhos e em terra boa (p. 127). De acordo com um trecho da *Mishna Avot* (5,15) aqueles quatro níveis acima citados correspondem às quatro atitudes que existem entre os estudantes: “os estudantes esponjas, que absorvem tudo, bons e maus raciocínios; estudantes peneiras, que filtram o melhor e rejeitam os resíduos, pois o filtro guarda a borra e deixa passar o vinho; e por último os estudantes funis, que recebem de um lado e derramam do outro” (p. 128).

Apresenta por último o Autor as quatro escolhas propostas por Jesus: 1) Ser uma beira de terreno; 2) Ser um terreno cheio de pedras; 3) Ser um terreno espinhento; e 4) Tornar-se uma terra boa (pp. 128-132).

Na análise da Parábola da Figueira, situa o Autor esta parábola ao aproximar-se da Páscoa – *Pessah* – **פסח**, a festa dos pães ázimos, as **חג המצות** *hag hamatsot*, a festa do nascimento do povo de Israel (p. 133). Essa parábola “fala de sinais, de paciência, da vinda do filho do homem”. Ela implica uma visão da História. Ela convida a pensar no começo e no fim (p. 134).

Afirma a seguir o Autor, que “o primeiro ensinamento da Torah é de ordem teológica: Deus é o Criador do mundo. Existe um começo no tempo e no espaço. O Deus de antes a criação, o Deus a-histórico nós não o conhecemos, jamais podemos conhecê-lo. Mais: este Deus a-histórico, criando tempo e o espaço, tornou-se um Deus da História, um Deus na História” (p. 135).

O que nós podemos notar é que o mundo não se fez num dia”. Destarte, “Deus confia a Sua obra ao Homem, ele entra no Seu **שבת** – *shabat* – *descanso, repouso*, não num repouso letárgico, mas num tempo contido. O *Shabat* de Deus significa que os homens dispõem de uma margem de liberdade para manter a ordem divina ou engendrar a desordem. Os anjos não possuem esta liberdade, os animais também. O tempo da História humana corresponde ao *Shabat* de Deus. Deus repousa... sobre o Homem” (p. 136).

A seguir ao abordar sobre a História em três tempos, mostra que segundo o TB *Sanhedrin 97a*, “o profeta Elias ensinava que o mundo duraria 6.000 anos, sendo 2000 anos de **תוהו ובהו** - *tohu vbohu* - *sem forma e vazia* - 2000 anos de *Torah* e 2000 anos para os dias do *Messias*. Rashi assim interpreta esta passagem talmúdica: **a) 2000 anos de *tohu***: porque a *Torah* ainda não havia sido revelada, o mundo parecia ao *tohu*.; **b) 2000 anos de *Torah***: os dois milênios se estendem desde Abraão até os dias do *Messias*; **c) 2000 mil anos do *Messias***: Após

os dois milênios de Torah é possível que o Messias venha, que o reino ímpio (Roma) desapareça e que termine a opressão de Israel” (p. 139). Embora esse tempo messiânico se situe ainda בְּעוֹלָם הַזֶּה - *baolam haze* - neste mundo, em que a humanidade possa chegar a um nível de sabedoria que sem conflitos (as espadas serão transformadas em relhas (Is 2,4), a economia militar transformada em economia de partilha). Assim, o reino de Deus é proclamado na terra, os homens se reconhecerão fraternalmente” (p.141). De igual modo, afirma que “a ressurreição dos mortos faz a transição com o עוֹלָם הַבָּא – o *olam haba* = o mundo vindouro, que corresponde ao oitavo dia, embora segundo Is 64,3 “nenhum olho o viu, exceto Deus” (p. 141).

Assevera o autor que sobre o Messias, conforme um trecho talmúdico sobre a vinda do Messias (TB Sanedrin 98) e ainda o Sl 95,7 e de Is 60,22, não importa quando o Messias virá. O que importa é que ele virá como um Messias sofredor de maneira não triunfal. Mas virá somente “*se vós escutardes a voz de Deus*” e se os homens merecerem, Sua vinda será apressada. O homem espera um Messias que espera o homem!” (p. 142).

Em “A figueira do início, a figueira do fim”, discorre o autor sobre a importância da figueira na Bíblia, pois ela e seu fruto, o figo, que é considerado entre os sete frutos que exaltam a beleza de Israel: “Terra do trigo, da cevada, da uva, do figo, da romã, terra da oliva oleosa e do mel - da tâmara-” (Dt 8,8) (p. 143).

Afirma o Autor que a chegada do Verão é indicada por tornarem-se tenros seus ramos e pela caída de suas folhas. Verão em hebraico significa קִיץ *kai'ts*, da mesma raiz do verbo קִיחַ h. k. ts = (se) acordar, e de קֵץ *kets* “fim”, fim de uma época, fim de um período, fim deste mundo” (p. 145). Os sinais, anunciadores de acontecimentos que se aproximam, dos quais Jesus fala, não evocam um doce mês de maio” (p. 146). Por fim, afirma que “as palavras de Jesus enquanto palavras da Torah permanecem eternas, interpelando a sua geração”. Os discípulos são chamados a permanecer vigilantes. Eles verão com seus próprios olhos se permanecerem às espreitas. Jesus não se proclama abertamente como Messias; mas fosse ele o “Filho do homem”, sua vinda não se confundiria como o “dia do Eterno que ninguém, exceto o Pai, conhece” (p. 147).

Finda o autor esta obra enfatizando que “depois das parábolas da misericórdia, do anúncio da parábola da figueira e nosso tempo contemporâneo, dois mil anos se passaram, onde a incompreensão superou o diálogo. Felizmente, graças ao Céu, depois de 50 anos, um reconhecimento, uma escuta se faz entre judeus e cristãos. Eis aqui um dos sinais eloquentes

da figueira, o tempo de uma fraternidade entre os “filhos” do “Pai”, comprovando que existe um encontro da História que nós não podemos falhar, pois toda graça é um tesouro único...” (p. 148).

Com certeza a publicação desta obra constitui um fato inédito hodiernamente. Isto por tratar-se de um trabalho sobre as cinco parábolas evangélicas lidas, analisadas e discutidas por um judeu francófilo. Trata-se de uma amostra dos frutos do Concílio Vaticano II, com a publicação da Declaração Apostólica *Nostra Aetate*, que propiciou, incentivou e fez com que o diálogo interreligioso viesse a acontecer realmente. Não resta dúvida, tratar-se de uma obra estimulante, que em muito ajudará o leitor a compreender melhor toda a riqueza da fé judaico-cristã, ilustrada e com suas citações bíblicas, talmúdicas e rabínicas, tão apropriadamente explicitadas e comentadas pelo Rabino Haddad. Constitui ainda uma oportunidade de levar o leitor a ter uma visão original, séria, bem embasada sobre o quanto Jesus viveu intensamente como verdadeiro judeu. Ademais, quem sabe esse primeiro trabalho poderá despertar o leitor cristão ou não, a se aprofundar nos Estudos Judaicos-Cristãos, a fim de poder compreender os Evangelhos e demais livros da Bíblia. Que outras obras deste nível venham a ser publicadas futuramente! Parabéns ao Autor pelo magno e singular trabalho e de igual modo aos Editores, ao Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCEJ) pela publicação dessa obra, tão bem traduzida pelo Pe. Faustino Tonini, NDS.